1678 - Trabalho Completo - XII ANPEd-SUL (2018)
Eixo Temático 20 - Sociologia da Educação

CONFIGURAÇÕES DOS GRUPOS ETÁRIOS: UM ESTUDO SOBRE AS RELAÇÕES SOCIAIS DOS ALUNOS DE UMA TURMA DE TURNO INTEGRAL EM UMA ESCOLA DO MUNICÍPIO DE OSÓRIO/RS

Amanda de Jesus Pires - UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Taiana Valencio da Silva - UNISINOS/PPGE - UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS

O artigo tem como objeto compreender as relações existentes entre alunos frequentadoresda oficina de esporte do turno integral, realizada a partir do Programa Mais Educação. O objetivo da pesquisa foi compreender como se constituem as relações sociais ditas comoviolentas de alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental de uma escola municipallocalizada no interior de Osório/RS. A partir de uma pesquisa etnográfica (ANGROSINO, 2009), observamos as relações entre os alunosdesta turma, e nos deparamos com situações violentas, fato este, que acabou se tornando o centro decontrovérsias durante o período de realização da pesquisa. Encontramos uma divisão dadapor grupos, que se baseou nas questões de faixa etária e também por questões de afinidade. A partir destes dois pontos,percebemos que alguns alunos faziam o uso disso, para controlarem o grande grupo e muitas vezes fazendo o uso da violência paraexercerem suas vontades e se firmarem como líderes. Neste sentido, buscamos neste artigo discutir possíveis relativizações e estranhamentos produzidos a partir da violência. Sendo representada a partir de configurações (ELIAS, 1983, 1990, 2000) entre diferentes grupos de alunos.

Palavras-chave: Violência. Relações sociais. Configuração.

CONFIGURAÇÕES DOS GRUPOS ETÁRIOS: UM ESTUDO SOBRE ASRELAÇÕES SOCIAIS DOS ALUNOS DE UMA TURMA DO TURNO INTEGRAL EM UMA ESCOLA DO MUNICÍPIO DE OSÓRIO/RS.

Resumo

O artigo tem como objeto compreender as relações existentes entre alunos frequentadoresda oficina de esporte do turno integral, realizada a partir do Programa Mais Educação. O objetivo da pesquisa foi compreender como se constituem as relações sociais ditas comoviolentas de alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental de uma escola municipallocalizada no interior de Osório/RS. A partir de uma pesquisa etnográfica (ANGROSINO, 2009), observamos as relações entre os alunosdesta turma, e nos deparamos com situações violentas, fato este, que acabou se tornando o centro decontrovérsias durante o período de realização da pesquisa. Encontramos uma divisão dadapor grupos, que se baseou nas questões de faixa etária e também por questões de afinidade. A partir destes dois pontos,percebemos que alguns alunos faziam o uso disso, para controlarem o grande grupo e muitas vezes fazendo o uso da violência paraexercerem suas vontades e se firmarem como líderes. Neste sentido, buscamos neste artigo discutir possíveis relativizações e estranhamentos produzidos a partir da violência. Sendo representada a partir de configurações (ELIAS, 1983, 1990, 2000) entre diferentes grupos de alunos.

Palavras-chave: Violência. Relações sociais. Configuração.

Apresentação

As narrativas sobre violência estão presentes no cotidiano das pessoas, com diferentes concepções. Essa narrativa torna-se potente no que se refere aos processos de controle social das pessoas. Mesmo reconhecendo a mesma como um problema, não temos pretensão neste artigo de tomar um posicionamento normativo sobre ela, mas discutir as possíveis relativizações e estranhamentos produzidos a partir da violência. Quando investigamos o conceito, encontramos muitas explicações, mas nenhumadefinição exata. A diversidade de abordagens contribui para que não exista uma única definição para a violência (ABRAMOVAY e CASTRO, 2006). As características da violência são encontradas de diferentes formas, sendo que este fenômeno depende das questões culturais dos indivíduos envolvidos em determinadas situações. Deste modo, encontramos muitas explicações para a definição do conceito de violência, mas dada apolifonia teórica, não procuramos compreende-la a partir de uma teoria específica, mas apartir de seus sentidos êmicos.

A pesquisa foi realizada em uma escola municipal na zona rural do município deOsório, no Litoral Norte do Rio Grande do Sul, o trabalho de campo ocorreu durante a oficina de esporte do Programa Mais Educação. Neste espaço onde diferentes turmas conviviam, encontramos a controvérsia entre o que acreditávamos ser um ato de violência e o que os alunos consideravam como violência.

Considerando que a escola é um espaço de relações sociais, e essas sãoocasionadas entre as interações dos indivíduos, nos apoiamos no autor Norbert Elias, que define estas interações como as configurações, onde as pessoas criam redes de ligações e a partir daí criam as relações de interdependência. Desta forma, apresentamos nosso problema de pesquisa:

Como se constituem as relações sociais ditas como violentas de alunos dos anosiniciais do Ensino Fundamental de uma escola municipal de Osório/RS?

A metodologia abordada nesta pesquisa foi a etnografia (ANGROSINO, 2009), para realizar os registros do trabalho de campo utilizamos como ferramenta o diário de campo (WINKIN, 1998) sendo as análises descritas neste artigo fruto da produção deinformações destes diários.

Tendo como referência Fonseca (1998) as categorias de análise emergiram apartir do trabalho de campo, ficando a violência sendo representada por configurações entre diferentes grupos de alunos. A categoria abordada neste artigo será a questão etária.

O cenário da pesquisa

A escola onde a pesquisa foi realizada está localizada na zona rural do município de Osório. Iniciou suas atividades em 1953, mantida pela prefeitura. Em 1986, a escola ganhou um prédio novo. No período de 2000 a 2004, esteve desativada, sendo reativada em março de 2005.

No ano de 2007 a instituição e a comunidade ganharam um ginásio de esportes, localizado ao lado da escola. Em 2010 o prédio da escola foi ampliado, onde foi construída a biblioteca, refeitório, cozinha, depósito, dois banheiros, ampliação da secretaria, em áreas externas, além da reforma de duas salas de aula.

O ginásio é utilizado para as aulas de educação física, eventos da escola e para o projeto de turno integral. Durante o período de observações, o turno integral funcionava três dias da semana, de segunda a quarta-feira, nos turnos da manhã e tarde.

No turno da manhã eram cerca de dez alunos participantes das oficinas, grande parte cursando o 2º ano do ensino fundamental. No período da tarde, o escolhido para realizar as observações, eram em torno de vinte alunos de três turmas diferentes, a idade dos alunos era entre nove e onze anos.

As oficinas de esporte ocorriam na terça-feira, denominadas pela escola como educação física. As atividades eram ministradas por uma professora licenciada em Educação Física ou por uma estagiária do curso de pedagogia contratada pela prefeitura municipal. No turno da manhã era direcionado a atividades recreativas e a tarde o jogo de *Newcon*. A oficina de esporte junto com as demais oficinas ofertadas, ocorriam no turno inverso ao escolar. As crianças que participavam das atividades permaneciam na escola o dia inteiro, ganhando alimentação e um período de descanso entre os turnos. A participação não tinha caráter obrigatório, as atividades são ofertadas para todos os alunos da instituição, onde os alunos escolhem as oficinas e os pais ou responsáveis realizam a inscrição. Sendo essa controlada por frequência e comportamento dos alunos.

Como os alunos que participavam das oficinas eram de turmas diferentes, e consequentemente de idades diferentes, tinham como costume formar grupos com seus colegas de sala por questões de convivência e afinidade, dentre essas questões de relacionamento aconteciam os desentendimentos entre eles.

Em passagens do diário de campo, descrevemos algumas situações de organizações sociais entre os alunos, que por inúmeras vezes eram delimitadas a partir da violência. Podemos observar no relato a seguir que existe resistência entre os alunos quando formam grupos com seus pares.

> Foram chamados dois alunos para escolherem os times para brincarem de barra bandeira, como de costume alguns reclamaram dos times que ficaram, pois não era justo jogarem com o colega que "não sabia fazer nada". A professora disse que eram aqueles os times e quem não quisesse jogar iria ir para a secretaria, pois na aula sem fazer nada não iriam ficar. Então eles pararam de reclamar e foram jogar. (Diário de campo, 11/08/2015)

Neste excerto é possível perceber que os motivos de separação de grupos incomodaram os alunos, sendo necessário a intervenção da professora. Acuados com a "ameaça" da professora, eles acabam por aceitar a organização dos grupos.

Durante as observações notamos o quanto para determinados alunos participar de um grupo se torna importante. Constantemente eram presenciados momentos de desentendimentos durantes os jogos. Essas desavenças ocorriam quando os alunos não estavam nos times de sua preferência ou próximo aos seus amigos.

Em outra passagem do diário de campo, observamos que enquanto alguns alunos estavam sentados, esperando sua vez para participar da atividade, outros de um determinado grupo implicavam com os colegas até o momento da briga iniciar.

> [...] mas a maioria não ficou na fila, ficavam se intrometendo na vez do colega, ficavam se xingando, chutando e gritando. Foi necessário que a professora chamasse a atenção deles, por algumas vezes, até que ela colocou cada um que já tinha feito o circuito para cuidar de uma parte. Assim eles ficaram um pouco mais calmos. (Diário de campo, 15/09/2015)

A professora precisava intervir nas atividades a maior parte da aula, separando os grupos. Momentos de desentendimentos durantes as aulas eram corriqueiros, bastava colocar determinado aluno em grupo do qual ele não aceitava, que as discussões começavam.

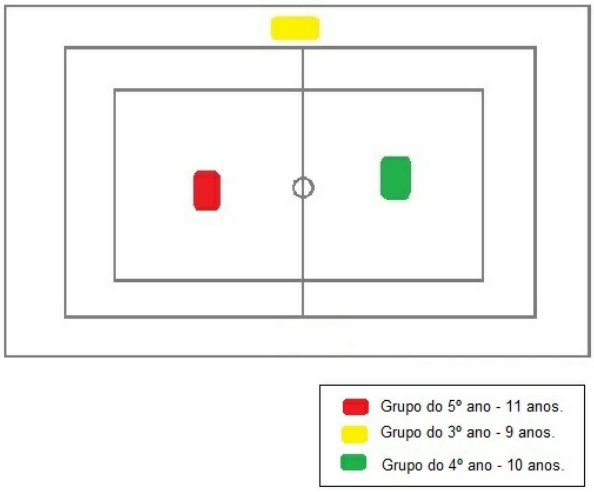
Em uma das conversas que tivemos com uma aluna buscando entender o motivo pelo qual aconteciam as brigas, ela justifica os motivos pela diferença de grupos.

> No começo da aula sentei ao lado de uma aluna do 5º ano, turma mais velha da escola e comecei a conversar com ela sobre algumas coisas da escola, então perguntei se ela achava que a turma de educação física do turno brigava e se xingavam muito nas aulas, ela então respondeu "mais ou menos, ás vezes brigamos, mas é porque os outros que não são do nosso grupo nos irritam muito, assim começam as nossas brigas". Tentei me aprofundar um pouco mais na pergunta que fiz a ela, saber pelas próprias palavras da aula o que significava "nos irritam muito", mas ela disse que irritavam e mudou o assunto. (Diário de Campo, 10/11/2015)

Notamos durante o período de observações que estas relações aconteciam de acordo com uma determinada ordem, sendo ela muitas vezes hierárquica, onde os alunos se dividiam em grupos de acordo com uma ordem de importância, no qual os que eram mais velhos organizavam esta divisão de grupos. Em muitos momentos os líderes desses grupos utilizavam relativa violência para impor suas vontades.

Apresentamos a seguir uma ilustração, onde podemos analisar a distribuição dos grupos na quadra esportiva do ginásio.

Figura 1- Desenho da divisão dos grupos na quadra esportiva.



Fonte: As autoras (Diário de Campo)

A figura acima representa as relações sociais existentes na oficina de esporte do projeto de turno integral, constituída por alunos de três níveis de ensino, sendo eles 3º, 4º e 5º ano. Podemos constatar que é a partir dessas relações, que a divisão de grupos é ocasionada, sendo essas escolhas feitas pelos próprios alunos.

As divisões de grupos em grande parte eram compostas pelos alunos que estudavam na mesma turma, organizando em uma determinada parte da quadra. Sendo o meio da quadra ocupado pelos alunos mais velhos, reconhecidos entre eles como mais fortes e com maiores habilidades nas práticas corporais, outro motivo que os faziam sentir-se no direito de escolher seu lugar na quadra, é determinado pelo tempo em que estão na escola.

Ainda dentro dos grupos apresentados na ilustração, existiam motivos entre eles, para designar os principais da turma, atividades que uns podem realizar e outros não, todos marcados pela questão de faixa etária. Quando pensamos nos estudos eliasianos, onde ele descreve o motivo que ocasiona a divisão entre dois grupos na comunidade de Winston Parva, que conforme o autor, "[...] em Winston Parva, entretanto, todo o arsenal de superioridade grupal e desprezo grupal era mobilizado entre dois grupos que só diferiam no tocante a seu tempo de residência no lugar" (ELIAS, 2000, p.21). A superioridade em ambos os grupos é marcada por um fato em comum, sendo que em um os alunos com mais "soberania" são mais velhos e em outro os moradores com mais "soberania" residiam a mais tempo na comunidade.

Configuração dos grupos

Como referido na seção anterior, a turma por iniciativa dos próprios alunos promoveu uma divisão dentro do grande grupo, tendo como um dos seus principais fatores a idade. Por muitas vezes observamos momentos onde os alunos entravam em disputas. Os alunos com mais idade, eram considerados os líderes do grupo, geralmente eram estes que se destacavam nas atividades realizadas durante a oficina de esportes, e isso lhes proporcionava alguns direitos e de alguma forma, um certo 'status'. Durante a aula, no momento em que as brigas aconteciam era visível a exclusão dos alunos mais novos, onde estes eram privados de participar do grupo principal, conforme o trecho a seguir:

> A professora precisou fazer uma substituição, pois a aluna que estava no time não parava de chorar. Ela se sentou ao lado da professora que estava próxima a mim, ela então perguntou o que havia acontecido, mas como a menina chorava demais eu e a professora não conseguíamos entender nada do que ela falava, a professora então disse para ela ir no banheiro lavar o rosto, ela foi, então a docente perguntou para a colega o que havia acontecido, a menina contou que ela brigou com as meninas da outra turma e não estava mais participando do grupo. (Diário de Campo 01/09/2015).

Circunstâncias como estas ocorriam frequentemente. Durante a pesquisa de campo, presenciávamos brigas entre os alunos, sendo os mais novos excluídos. Esta situação acabava criando uma condição de dependência entre os mais novos, que eram os excluídos, em relação aos mais velhos que estavam a frente das decisões. Deste modo, o grupo dos mais velhos usavam este fator a seu favor, pois os colegas com receio de serem excluídos acabavam por acatar às decisões dos que comandavam os grupos.

Sobre a divisão de grupos definidas pela idade, identificamos em outras duas situações, registradas nos trechos a seguir,

> Estava um clima um pouco estranho, mas eu não sabia direito o que estava acontecendo, então comecei a prestar atenção no que os alunos que estavam de fora falavam. Toda vez que o time de um aluno do 5º ano jogava eles vaiavam, nesse momento lembrei que um aluno do 4º havia brigado com o do 5°, então entendi o que eles estavam fazendo e percebi que a turma estava dividida, um lado era o do 5º e o outro era o do 4º (Diário de Campo 17/11/2015)

> Em um momento do jogo uma aluna que estava na quadra virou para o colega que estava de fora e disse "vou dar com tua cara no chão" a professora olhou na hora para a menina que disse a ela "prof. Eu disse isso porque eles ficam falando que vou errar", a professora não falou nada a ela e o jogo continuou.(Diário de Campo 17/11/2015).

No excerto a cima podemos notar além da divisão clara entre a turma por questões de idade, outros dois pontos se destacam: a maneira agressiva, que poderia ser considerada como violência, quando uma aluna fala para a outra que "vou dar com tua cara no chão", e a falta de reação da professora ao presenciar esta cena, como se fosse um episódio comum naquele espaço, dispensando qualquer repreensão por ela aos seus alunos.

As relações que foram observadas eram pautadas pelo uso da violência em determinados momentos, e estas relações também estavam associadas a dependência entre os alunos, de acordo com Elias "a rede de interdependências entre os seres humanos é o que os liga. Eles formam o nexo do que é aqui chamado configuração, ou seja, uma estrutura de pessoas mutuamente orientadas e dependentes" (Elias, 1990, p. 249). Deste modo a turma que frequentava a oficina de esportes do Programa Mais Educação formava uma configuração, onde os indivíduos eram dependentes uns dos outros.

Elias (1990), prossegue afirmando que o modo que os seres humanos procedem podem ser explicadas, a partir das relações de

interdependências e as configurações que eles formam entre si. As pessoas formam várias ordens sociais, que a cada período histórico estas ordens ocorrem de maneiras diferentes. Estes processos de mudanças acabam gerando nas estruturas da personalidade as mudanças nos comportamentos e hábitos individuais. Elias utiliza este pensamento para descrever as mudanças que a sociedade sofre constantemente, em questões de comportamento e padrões.

Esta relação de interdependência que estava presente na configuração formada pelos alunos era muito significativa, principalmente aos alunos considerados como os líderes, pois eles necessitavam desta relação de interdependência com os seus colegas, mesmo os outros sendo mais novos ou mais fracos, eles eram importantes para que os mais velhos, se mantivessem como representantes do grupo.

Em uma das obras de Elias, é possível observar estas relações de interdependência. Quando o autor realiza um estudo na corte do Rei Luís XIV, dando origem a obra "Sociedade de Corte", o autor cita em uma das suas passagens que "um homem na posição de rei não exercia de forma alguma o poder absoluto, no tempo de Luís XIV" (ELIAS, 1983, p.46), assim podemos concluir que até mesmo o rei para poder governar dependia da sua corte, e os alunos mais velhos que comandam a turma, precisavam dos seus colegas mais novos ou sua "corte" para poder continuar no comando.

Em outro registro do diário de campo,

> Enquanto a professora ficava anotando os pontos do jogo, os meninos do time que esperavam para jogar começaram a gritar e a puxar a cadeira do colega para que ele caísse, a professora chamou a atenção deles, mas como não adiantou, então ela foi até eles, um aluno disse para ela que foi o outro que começou, ela disse para pararem ou não teriam recreio na próxima aula. (Diário de campo 15/09/2015).

Pereira e Williams (2010), ao refletirem sobre o conceito de violência escolar e a busca de uma definição, concluem que ainda não se pode ter uma definição exata sobre o conceito de violência escolar, é um conceito que resulta de determinados aspectos, incluindo os culturais, históricos e individuais, o que se pode é observar as ações praticadas pelos alunos, e a situação que ocorre ao seu entorno, para que assim possa julgar ser uma ação violenta ou não.

No momento onde os alunos puxam a cadeira do seu colega, tendo como finalidade de fazer com que ele caia no chão, podemos determinar como sendo uma prática de violência, dado que além do incomodo sofrido pelo menino se ele caísse no chão, poderia sofrer algum ferimento agravando todo contexto.

A violência é um fenômeno que está cada vez mais presente no cotidiano das escolas, e, para Martins (2005), existem níveis de seriedade de violência em diferentes escalas. No trecho extraído do diário de campo acima, os alunos não chegaram as vias de fato, mas utilizaram de um outro tipo de violência, a verbal, através xingamentos para menosprezar o outro colega. Tratou-se de uma outra esfera da violência, que não está baseada apenas na agressão física.

As autoras Abramovay e Castro (2006), em seus estudos percebem um aumento significativo nos casos de violência, entretanto apontam que isto não quer dizer que tais fatos antes não existiam, mas que atualmente se dá uma maior visibilidade sobre todos estes acontecimentos, que antes eram ignorados e passavam despercebidos, e assim, não sendo considerados como atos de violência.

Segundo Elias (1990), estas alterações que ocorrem na civilidade humana, oportunizaram a recente fase de civilização e o desenvolvimento da nossa época atual. Deste modo, as mudanças que ocorreram em relação com o crescimento da violência e as suas variadas concepções, estariam fazendo parte deste processo referido por Elias como civilizatório. A maneira como a violência era vista anteriormente passou por este processo, fazendo com que hoje tenhamos diversas concepções sobre o conceito de violência.

Entretanto, Elias afirma que este processo não se dá através de um único indivíduo ou grupo, mas sim em função da soma de todas estas ações e transformações das pessoas, dos grupos que permitiram ao longo dos anos a criação da atual civilização. Segundo o autor:

> Mostramos como o controle efetuado através de terceiras pessoas é convertido, de vários aspectos, em autocontrole, que as atividades humanas mais animalescas são progressivamente excluídas do palco da vida comum e investidas de sentimentos de vergonha, que a regulação de toda a vida instintiva e afetiva por um firme autocontrole se torna cada vez mais estável, uniforme e generalizada. Isso tudo certamente não resulta de uma ideia central concebida há séculos por pessoas isoladas, e depois implantada em sucessivas gerações como a finalidade da ação e do estado desejados, até se concretizar por inteiro nos "séculos de progresso". Ainda assim, embora não fosse planejada e intencional, essa transformação não constitui uma mera sequência de mudanças caóticas e não estruturadas. (ELIAS, 1990, p. 193-194).

Através desta citação podemos concluir que em relação ao processo civilizador é um problema geral da mudança histórica. Elias esclarece que as questões da transformação estão conectadas ao entrelaçamento dos planos e ações, impulsos emocionais e racionais de pessoas isoladas de modo cordial ou adverso. Este enlace relacionado as mudanças individuais vão promovendo situações que acabam modificando a nossa sociedade, mesmo que não seja de uma forma proposital.

Pode-se observar em outra passagem do diário de campo um fato onde os alunos, em determinada situação, indagam a professora sobre o comportamento que eles apresentam.

> Como os alunos já chegaram se empurrando e as meninas gritando no ginásio, antes de a aula começar, a professora conversou com eles sobre aquele comportamento, perguntou se iriam se acalmar para que pudessem continuar a aula e eles falaram que sim. Um aluno disse "hoje a outra professora não reclamou do nosso comportamento, não precisamos correr na quadra." A professora disse que não havia reclamações do comportamento e que não iriam correr na quadra e fazer alongamentos para começar a aula. (Diário de Campo 10/08/2015).

Podemos identificar neste trecho do diário de campo, além do modo dos alunos chegarem a aula com empurrões e xingamentos, a preocupação evidente na fala deles em relação à punição que tiverem em outra aula quando a professora fez uso de uma atividade física, a corrida, como forma de castigo para o mau comportamento dos alunos em outras aulas. O uso da corrida por muitas vezes foi utilizado como castigo, repreendendo o mau comportamento não apenas na oficina de esportes, mas também quando os alunos não apresentavam uma boa conduta em outras disciplinas, com outros professores.

Comparando a teoria de Bourdieu (1983) em relação a este posicionamento da professora ao fazer uso da corrida como forma de castigo, podemos relacionar está atitude como uma forma de violência simbólica, onde o docente determina aos seus alunos que eles façam algo do qual eles não querem, impondo assim a sua vontade.

A exclusão de alguns alunos dos grupos que existiam na oficina de Educação Física do turno integral, era muito clara na hora das atividades, um exemplo foi quando ao completar os times um aluno ficou de fora, e nenhum dos grupos o queria em seu time:

> Depois do boliche a brincadeira foi o jogo das bolas, a professora deixou que eles escolhessem o time. Como o número de alunos era ímpar sobrou um menino que é excluído da turma. O menino que acha que "é o melhor da turma" disse

> para o outro time "pode ficar com a princesa". Segundo um dos alunos, ele era chamado de princesa porque o menino tem o cabelo comprido. Após as escolhas dos times a turma começou a jogar. (Diário de Campo 03/11/2015).

Para mostrar-se superior aos seus colegas um dos alunos chama o outro de"princesa", tendo como intenção a de humilhar o outro na frente da turma, e como o aluno já esperava não houve reação por parte do colega, afirmando assim a sua "soberania".

O modo do aluno ao referir-se ao outro chamando-o de "princesa" pode ser classificado como *Bullyng*, onde se caracteriza por agressões intencionais, verbais ou físicas, que segundo Fante (2005), é um ocorrência cada vez mais presente na realidadedas escolas, independentemente de turno de estudo, localização da escola, tamanho da escola ou da cidade onde ela se localiza, ou se são séries finais ou iniciais, ou ainda se a escola é pública ou privada, o fato é que o *Bullyng* é um tipo de violência cada vez mais frequente que ocorre em qualquer lugar independentemente da situação.

Abramovay e Castro (2006), esclarecem que necessitamos abrir nossa visão parapodermos enxergar que cada vez mais existem formas variadas de violência, inclusive as dentro das escolas, onde elas vão incorporando a violência física, ou violência dura; aviolência simbólica ou institucional, ou o bullying que é caracterizado por atos de incivilidade, humilhações, falta de respeito. Todos estes segmentos caracterizam a violência, seja ela qual for.

No entanto, quando escolhemos por problematizar a relativização da noção deviolência, não nos dedicamos a compreender os fatos narrados como positivos ou negativos, sendo estes analisados de um ponto de vista êmico. Já que a controvérsia eraas ações consideradas por nós violentas, e, no entanto, durante a pesquisa as crianças não reconheciam suas ações como violentas, e esta era naturalizada, percebida também nas representações das professoras.

Para concluir, retomamos nosso problema de pesquisa, "como se constituem asrelações sociais ditas como violentas de alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental de uma escola municipal de Osório/RS?", e afirmamos que neste estudo a configuração social que proporciona a divisão de grupos está pautada pela faixa etária dos alunos, sendo esta configuração baseada nas relações de interdependência, onde os alunos colocam-se em posições hierárquicas diferenciadas.

Referências

ABRAMOVAY, M. CASTRO, M. G. **Cotidiano das escolas: entre violências.** Brasília. UNESCO, Observatório de Violência, Ministério da Educação, 2006.

ANGROSINO, Michael. **Etnografia e observação participante.** Porto Alegre: Artmed, 2009.

BOURDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas**. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 1982.

ELIAS, Norbert. SCOTSON, John. L. **Os estabelecidos e ou outsiders**. Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

ELIAS, Norbert. **Sociedade e Corte**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1983.

ELIAS, Norbert. **Nobert Elias, por ele mesmo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.

FANTE, Cleo. **Fenômeno bullying: como prevenir a violência nas escolas e educarpara a paz**. 2ª edição. Campinas. Editora Versus. 2005.

FONSECA, Claudia. **Quando cada caso não é um caso: pesquisa etnográfica eeducação.** Revista Brasileira de Educação. São Paulo, n. 10, 1998.

MARTINS, Maria José D. **O problema da violência escolar: Uma clarificação e diferenciação de vários conceitos relacionados.** Revista Portuguesa de Educação, vol. 18. 2005.

STELKO-PEREIRA, Ana Carina; WILLIAMS, Lúcia Cavalcanti de Albuquerque. **Reflexões sobre o conceito de violência escolar e a busca por uma definição abrangente.** Universidade Federal de São Carlos, 2010.

WINKIN, Yves**. Descer ao campo.** In. WINKIN, Yves. A nova comunicação: da teoria ao trabalho de campo. Campinas: Papirus, 1998.